Cultura Afro-Brasileira

Cultura Afro-Brasileira

Denomina-se **cultura afro-brasileira** o conjunto de manifestações culturais do Brasil que sofreram algum grau de influência da cultura africana desde os tempos do Brasil Colônia até a atualidade. A cultura da África chegou ao país, em sua maior parte, trazida pela escravidão africana na época do tráfico transatlântico de escravos. No Brasil a cultura africana sofreu também a influência das culturas europeia e indígena, de forma que características de origem africana na cultura brasileira encontram-se em geral mescladas a outras referências culturais.

Traços fortes da cultura africana podem ser encontrados hoje em variados aspectos da cultura brasileira, como a música popular, a religião, a culinária, o folclore e as festividades populares.

Os estados do Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul foram os mais influenciados pela cultura de origem africana, tanto pela quantidade de escravos recebidos durante a época do tráfico como pela migração interna dos escravos após o fim do ciclo da cana-de-açúcar na região Nordeste.

Ainda que tradicionalmente desvalorizados na época colonial e no século XIX, os aspectos da cultura brasileira de origem africana passaram por um processo de revalorização a partir do século XX que continua até os dias de hoje.

Evolução Histórica

De maneira geral, tanto na época colonial como durante o século XIX a matriz cultural de origem europeia foi a mais valorizada no Brasil, enquanto que as manifestações culturais afro-brasileiras foram muitas vezes desprezadas, desestimuladas e até proibidas. Assim, as religiões afro-brasileiras e a arte marcial da capoeira foram frequentemente perseguidas pelas autoridades. Por outro lado, algumas manifestações folclóricas, como as congadas e o maracatu, assim como expressões musicais como o lundu, foram toleradas e até estimuladas.

Entretanto, a partir de meados do século XX, as expressões culturais afro-brasileiras começaram a ser gradualmente mais aceitas e admiradas pelas elites brasileiras como expressões artísticas genuinamente nacionais. Nem todas as manifestações culturais foram aceitas ao mesmo tempo. O samba foi uma das primeiras expressões da cultura afro-brasileira a ser admirada quando ocupou posição de destaque na música popular, no início do século XX.

Posteriormente, o governo da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas desenvolveu políticas de incentivo do nacionalismo nas quais a cultura afro-brasileira encontrou caminhos de aceitação oficial. Por exemplo, os desfiles de escolas de samba ganharam nesta época aprovação governamental através da União Geral das Escolas de Samba do Brasil, fundada em 1934.

Outras expressões culturais seguiram o mesmo caminho. A capoeira, que era considerada própria de bandidos e marginais, foi apresentada, em 1953, por mestre Bimba ao presidente Vargas, que então a chamou de "único esporte verdadeiramente nacional".

A partir da década de 1950 as perseguições às religiões afro-brasileiras diminuíram e a Umbanda passou a ser seguida por parte da classe média carioca. Na década seguinte, as religiões afro-brasileiras passaram a ser celebradas pela elite intelectual branca.

Em 2003, foi promulgada a lei nº 10.639 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), passando-se a exigir que as escolas brasileiras de ensino fundamental e médio incluam no currículo o ensino da história e cultura afro-brasileira.

Estudos Afro-Brasileiros

O interesse pela cultura afro-brasileira manifesta-se pelos muitos estudos nos campos da sociologia, antropologia, etnologia, música e linguística, entre outros, centrados na expressão e evolução histórica da cultura afro-brasileira.

Muitos estudiosos brasileiros como o advogado Edison Carneiro, o médico legista Nina Rodrigues, o escritor Jorge Amado,

o poeta e escritor mineiro Antonio Olinto, o escritor e jornalista João Ubaldo, o antropólogo e museólogo Raul Lody, entre outros, além de estrangeiros como o sociólogo francês Roger Bastide, o fotografo Pierre Verger, a pesquisadora etnóloga estadunidense Ruth Landes, o pintor argentino Carybé, dedicaram-se ao levantamento de dados sobre a cultura afro-brasileira, a qual ainda não tinha sido estudada em detalhe.

Alguns infiltraram-se nas religiões afro-brasileiras, como é o caso de João do Rio, com esse propósito; outros foram convidados a fazer parte do Candomblé como membros efetivos, recebendo cargos honorificos como Obá de Xangô no Ilê Axé Opô Afonjá e Ogan na Casa Branca do Engenho Velho, Terreiro do Gantois, e ajudavam financeiramente a manter esses Terreiros.

Muitos sacerdotes leigos em literatura se dispuseram a escrever a história das religiões afro-brasileiras, recebendo a ajuda de acadêmicos simpatizantes ou membros dos candomblés. Outros, por já possuírem formação acadêmica, tornaram-se escritores paralelamente à função de sacerdote, como é caso dos antropólogos Júlio Santana Braga e Vivaldo da Costa Lima, as Iyalorixás Mãe Stella e Giselle Cossard, também conhecida como Omindarewa a francesa, o professor Agenor Miranda, a advogada Cléo Martins e o professor de sociologia Reginaldo Prandi, entre outros.

Principais Características da Cultura Afro-Brasileira

A **cultura afro-brasileira** remonta ao período colonial, quando o tráfico transatlântico de escravos forçou milhões africanos a virem para o Brasil. Assim, foi formada a maior população de origem africana fora da África.
Esta cultura está marcada por sua relação com outras referências culturais, sobretudo indígena e europeia a qual está em constante desenvolvimento no Brasil.

Características da Cultura Afro-Brasileira

Uma das principais características da cultura afro-brasileira é que não há homogeneidade cultural em todo território nacional.

A origem distinta dos africanos trazidos ao Brasil forçou-os a apropriações e adaptações para que suas práticas e representações culturais sobrevivessem.
Assim, é comum encontrarmos a herança cultural africana representada em novas práticas culturais.

As manifestações, rituais e costumes africanos eram proibidos. Só deixaram de ser perseguidos pela lei na década de 1930, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas.
Assim, elas passaram a ser celebradas e valorizadas, até que, em 2003, é promulgada a lei nº 10.639 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

Essa lei exigiu qque as escolas brasileiras de ensino fundamental e médio tenham em seus currículos o ensino da história e cultura afro-brasileira.
Os dois grupos de maior destaque e influência no Brasil são:
os **Bantos**, trazidos de Angola, Congo e Moçambique;
os **Sudaneses**, oriundos da África ocidental, Sudão e da Costa da Guiné.
Devemos ressaltar que as regiões mais povoadas com a mão de obra africana foram:
Bahia, Pernambuco, Maranhão, Alagoas, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo e Rio Grande do Sul.
Isso devido à grande quantidade de escravos recebidos (região Nordeste) ou pela migração dos escravos após o término do ciclo da cana-de-açúcar (região Sudeste).

Aspectos da Cultura Afro-Brasileira

De partida, temos de frisar que a cultura afro-brasileira é parte constituinte da memória e da história brasileira e que seus aspectos transbordam as margens desse texto.
Ela compõe os costumes e as tradições: a mitologia, o folclore, a língua (falada e escrita), a culinária, a música, a dança, a religião, enfim, o imaginário cultural brasileiro.

As Festividades Populares

O Carnaval, a maior festa popular brasileira, celebrada no início do ano e mobilizando a nação.
A Festa de São Benedito, principal festa do Congado (expressão da cultura afro-brasileira), comemorada no final de semana após a Páscoa.
E, por fim, a Festa de Yemanjá, realizada no dia 2 de fevereiro.

A Música e a Dança

Djembê, Tambor Africano

A influência afro-brasileira está patente em expressões como Samba, Jongo, Carimbó, Maxixe, Maculelê, Maracatu. Eles utilizam instrumentos variados, com destaque para Afoxé, Atabaque, Berimbau e Tambor.

Não podemos perder de vista que estas expressões musicais são também corporais. Elas refletem nas formas de dançar, como no caso do Maculelê, uma dança folclórica brasileira, e do samba de roda, uma variação musical do samba.

Temos outras expressões de música e dança como as danças rituais, o tambor de crioula, e os estilos mais contemporâneos, como o samba-reggae e o axé baiano.

Finalmente, merece destaque especial a Capoeira. Ela é uma mistura de dança, música e artes marciais proibida no Brasil durante muitos anos e declarada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 2014.

Leia também História da Dança no Brasil.

A Culinária

Acarajé

A culinária é outro elemento típico da cultura afro-brasileira. Ela introduziu as panelas de barro, o leite de coco, o feijão preto, o quiabo, dentre muitos outros.

Entretanto, os alimentos mais conhecidos são aqueles da culinária baiana, preparados com azeite dendê e pimentas.

Destacam-se Abará, Vatapá e o Acarajé, bem como o Quibebe nordestino, preparado com carne-de-sol ou charque; além dos doces de pamonha e cocada

E, por fim, o prato brasileiro mais conhecido de todos: a feijoada. Ela foi criada pelos escravos como uma apropriação da feijoada portuguesa e produzida a partir dos restos de carne que os senhores de engenho não consumiam.

A Religião

Culto de Candomblé

A religião afro-brasileira se caracterizou pelo sincretismo com o catolicismo, donde unia aspectos do cristianismo às suas tradições religiosas.

Isso ocorreu para que eles pudessem realizar as práticas religiosas africanas secretamente (associação de santos com orixás), uma vez que a conversão era apenas aparente.

Assim, nasceram do sincretismo Batuque, Xambá, Macumba e Umbanda, enquanto se preservaram algumas variações africanas da Quimbanda, Cabula e o Candomblé.

Influência Negra na Cultura Brasileira

Com muita dificuldade, os negros africanos trazidos como escravos procuraram manter seus valores culturais e preservar suas tradições culturais.

A cultura dos africanos foi trazida para o Brasil há muitos anos pelos escravos vindos de diversas regiões da África. Com o passar do tempo, a população de descendência africana se expandiu e as relações sociais entre os diferentes povos transformaram o país em um território mestiço e rico em diversidade cultural.

Assim, herdamos desse povo sua cultura, que se transformou e se adaptou à convivência com outras esferas culturais, como a indígena e a europeia.

O povo africano nos trouxe uma rica e milenar cultura, que até os dias de hoje se reflete na nossa sociedade. A influência é notória, por exemplo, na dança, na música, nas religiões de origem africana, na capoeira etc.

Com o tempo, a arte africana se fundiu com a indígena e a europeia. Muitas adaptações foram feitas, dando origem a uma arte afro-brasileira característica de um país rico em diversidade cultural e étnica.

Ritmos e danças

O Samba

No início do século XX, uma mistura de ritmos africanos, capoeira, batuques e pagodes deu base ao que seria o samba. A popularização das rádios entre 1920 e 1930 foi o principal fator a permitir que a música popular brasileira se organizasse e crescesse, ainda que marcada por grande diversidade. Surgem nomes importantes, como Ary Barroso, Noel Rosa, Carmem Miranda, Luiz Gonzaga, entre outros.

A Capoeira

A capoeira é uma mistura de luta, dança e música. Foi inventada por escravos africanos, o que pode ser percebido pelos instrumentos (tambor e berimbau), pelos ritmos, pelas letras das canções, pela formação em roda e pelos passos de dança. Há, atualmente, dois gêneros: capoeira angola e regional.

Na capoeira regional, o “jogo” (luta) entre duas pessoas acontece em uma roda, na qual todos cantam. Os adversários dão golpes com as pernas, a cabeça, as mãos, os cotovelos e os joelhos. O objetivo principal, no entanto, não é atingir o oponente, mas sim demonstrar a superioridade em termos de habilidade. Costuma-se simular os golpes sem completá-los.

Hoje, a capoeira é praticada por mais de 10 milhões de pessoas em centenas de países do mundo. Ela é considerada um patrimônio histórico nacional.

O coco de roda

Dentre tantos sons distintos, alguns se originaram da mistura entre as etnias do Brasil, como é o caso do coco de roda, do jongo e do lundu.

O coco de roda tem origem incerta, porém dentre os estados que se encontram como prováveis berços deste ritmo estão Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Caracterizado pelo seu estilo particular de dança, o coco de roda pode ser praticado em duplas ou fileiras. A influência africana e indígena tornou o coco um folguedo popular, com letras de músicas que falam sobre a natureza e a vida cotidiana.

As canções são acompanhadas por instrumentos de percussão como o pandeiro, o ganzá e o surdo, e uma marcação realizada pela batida ritmada das palmas das mãos. A cantora pernambucana Selma do Coco e o grupo Coco Raízes de Arcoverde são referências deste ritmo.

O jongo

De origem africana, o jongo é um ritmo que influenciou diretamente o surgimento do samba carioca.

Trazido pelos escravos africanos, o jongo brasileiro tem características que variam de região para região. Apesar disso, a maior parte das canções evoca as crenças africanas, de modo que explora contextos religiosos e místicos.

O canto é acompanhado de pandeiro, viola, tambores e berimbau. Por sua vez, a dança evolui como um tipo de jogo em que são feitos desafios entre os jongueiros.

O lundu

Como um ritmo afro-brasileiro, o lundu é uma dança sensual. Criado a partir do batuque dos africanos mesclado com alguns ritmos portugueses, o lundu se desenvolve com movimentos ondulares e é executado por flautas, tambores e alguns instrumentos de cordas, como o bandolim, quase sempre ignorando o canto.

Com seu caráter jocoso e sensual, o lundu foi um dos primeiros ritmos aceitos pelos europeus que viviam no Brasil, tanto que chegaram até mesmo a produzir alguns festivais no século XIX. Com o tempo, a dança e a música

receberam adaptações, o que levou ao surgimento de outros ritmos, como o maxixe, que, segundo especialistas, deu origem a um terceiro ritmo, o samba, no século XX.

O lundu, com algumas modificações, ainda é praticado em algumas regiões do país, como no Pará, onde recebeu o nome de lundu marajoara, por ter sua origem na ilha de Marajó.

Enfim, são muitos os ritmos brasileiros e, como toda manifestação artística, a música se adapta às mudanças da sociedade. São essas mudanças que revigoram e transformam a cultura do Brasil em uma das mais originais do planeta.

Religião

Candomblé e umbanda são duas das religiões denominadas afro-brasileiras. Ambas têm como característica a organização em pequenos grupos que se reúnem em tomo de um pai ou uma mãe-de-santo, em espaços conhecidos por terreiros. Apesar da origem africana e de algumas semelhanças nos cultos, são duas religiões diferentes.

O candomblé chegou ao Brasil com o tráfico de escravos negros iorubá vindos da Nigéria; jejes, da costa de Daomé; e bantos, do sudoeste africano, entre os séculos XVI e XIX. A religião está ligada a elementos da natureza que são representados por divindades, os orixás, que têm cada um deles o seu dia, a sua cor, a sua comida e as saudações específicas.

Considerado bruxaria, o candomblé sofreu com a perseguição da polícia e dos portugueses. Para escapar da pressão dos colonizadores, seus adeptos passaram a associar os orixás a santos católicos. O candomblé estabeleceu-se primeiro na Bahia e de lá se disseminou por todo o país.

A umbanda é mais recente, tem origem no Rio de janeiro e as primeiras manifestações datam da década de 1920. Ela incorporou rituais do candomblé, do catolicismo e também do espiritismo kardecista, e por isso é considerada uma religião popular e mais brasileira.

Na umbanda, os orixás têm papel de destaque assim como no candomblé, e algumas saudações e práticas religiosas são parecidas, mas nela prevalecem as entidades espirituais chamadas guias, que se comunicam, como pombajiras, caboclos e pretos-velhos, por meio dos médiuns.

Linguagem

Sem dúvida, a língua portuguesa recebeu enorme influência das línguas africanas. As línguas angolanas de origem banta (quicongo, quimbundo e umbundo) foram as que mais influenciaram o linguajar brasileiro, pois milhões de escravos vieram da região de Angola.

Algumas palavras de origem banta: bunda, caçula, cachaça, cochilar, marimbondo, moleque, quindim, quilombo, quitanda, samba, sunga e xingar. tam-ém foram importantes as línguas faladas pelos ewe-fon (ou mina-jeje) em Minas Gerais e pelos nagô-iorubás na Bahia.

Segundo alguns linguistas, a diferença de pronúncia entre o português falado no Brasil e em Portugal deve-se ao processo de africanização e indigenização da língua falada aqui. Vale notar que, apesar do processo de interação linguística, a língua portuguesa falada pelo colonizador prevaleceu sobre os dialetos africanos e indígenas.

Culinária

Os escravos não tinham como reproduzir no Brasil os mesmos hábitos alimentares que possuíam na África. Por isso, incorporaram muitos alimentos e práticas já existentes, o que possibilitou a invenção de inúmeros pratos. Mesmo assim, eles mantiveram alguns dos seus antigos costumes, como a intensa utilização da pimenta vermelha, do azeite de dendê e do quiabo.

Após a abolição, as comunidades afro-brasileiras mantiveram sua criatividade. Na Bahia, pratos como vatapá, sarapatel, moqueca, bobó e acarajé foram criados dentro da tradição culinária afro. Algumas receitas, inclusive, faziam parte de cerimônias do candomblé.

Hoje o ofício das baianas do acarajé da Bahia é considerado patrimônio nacional devido à sua importância para a cultura brasileira. Sobre a feijoada, acredita-se que tenha sido inventada pelos escravos. Há, no entanto, pesquisadores que discordam dessa versão, pois sabe-se que o prato também era apreciado pela elite.

Bonecas abayomi

A oralidade afro-brasileira nos conta que, na época em que os africanos foram trazidos para o Brasil como escravos, muitas mulheres estavam grávidas ou eram trazidas com seus filhos ainda crianças. Para trazer alguma alegria de forma modesta durante o trajeto nos navios negreiros, as mulheres escravizadas rasgavam suas vestes e, com nós em pequenos retalhos, criavam bonecas para seus filhos.

As bonequinhas de pano receberam o nome de *abayomi*, nome de origem africana que significa encontro precioso. Como singelos presentes, as bonecas *abayomis* representam aquele, ou aquela, que traz felicidade.

Conclusão

A preservação da cultura negra significava a luta diária pela sobrevivência. Embora ameaçados pelo cativeiro, proibidos de praticar os seus ritos, vítimas de violência e separação física entre pessoas do mesmo grupo familiar, eles continuaram lutando pela manutenção de seus valores culturais.